



A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE REGIÃO NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Nicéia de Jesus Ferreira Rêgo, Mestranda em Geografia - UEM, niceiajfr@hotmail.com
Sandra Terezinha Malysz (orientadora) – Me. Geografia pela UEM, Docente da UNESPAR/FECILCAM, sandramalysz@hotmail.com

Resumo: Este trabalho consiste em apresentar o conceito de região e a abordagem metodológica para sua construção com os alunos do Ensino Fundamental, através de leituras bibliográficas de autores que pesquisam esta temática (CORRÊA, 2003; GOMES, 1986; CAVALCANTI, 2003; CASTROGIOVANNI, 2007) e uma proposta de atividade prática. No Ensino Fundamental é importante discutir região e regionalismo de maneira simplificada, relacionando a vivência do aluno com a teoria estudada, visando o entendimento, a construção de conceitos e o desenvolvimento cognitivo do aluno.

Palavras-chave: Região; Geografia; Ensino Fundamental.

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo apresentamos uma proposta de trabalhar o conceito de região com os alunos do sétimo ano do ensino fundamental, considerando o tema de extrema importância para o ensino de geografia, pois o conceito de região, juntamente com o conceito de espaço, território, paisagem, natureza, sociedade e lugar, formam os conceitos basilares para a geografia.

O conceito de região, para divisão regional do Brasil, geralmente é trabalhado em sala de aula através de mapas que representam a divisão regional do Brasil em regiões homogêneas, proposta pelo IBGE em 1967. No entanto, somente através de mapas prontos, fica difícil de o aluno abstrair o conceito de região e compreender o que é regionalizar. É importante que o aluno vivencie o processo de regionalizar para construir o conceito de região. Assim, com esta pesquisa temos como objetivo apresentar uma proposta para construção do conceito de região através de uma dinâmica de regionalização; desmistificando a ideia de que dentro de uma região não existem diferenças acentuadas e; discutir a divisão regional do Brasil.

Considerando as várias divisões do território brasileiro em regiões geográficas, sendo uma diferente da outra, a mais conhecida é a divisão político administrativa oficial do Brasil realizada pelo IBGE em cinco macrorregiões: Região Norte, Região Nordeste, Região Sudeste, Região Sul e Região Centro-Oeste. Salientamos que esta não é necessariamente a melhor divisão regional, porém é a mais utilizada para sistematizar os dados estatísticos sobre o Brasil.

Outra divisão geográfica utilizada é a divisão do território em três regiões geoeconômicas, reconhece três grandes complexos regionais; a Amazônia, o Nordeste e o Centro-Sul. Sua divisão não coincide com os limites estaduais, são regiões de muitas diversidades.

Quando o aluno pensa no conceito de região homogênea na divisão brasileira feita pelo IBGE, a maioria tem a ideia de áreas homogêneas sem diferenças muito expressivas. Mas, essas áreas são mesmo homogêneas tanto em questões sociais, econômicas, culturais e naturais? Será que esses são os critérios adotados para regionalizar determinadas áreas? Ou grupos que detém o poder estão por traz dessa forma de organização espacial? Esses são alguns questionamentos que vamos buscar responder no decorrer do trabalho.

O artigo se divide em duas partes, inicialmente fazemos uma breve discussão sobre o conceito de região buscando através das reflexões de Cavalcante (2003), Castrogiovanni (2007), Corrêa (2003), Gomes (1995), Lacoste (1929), Lencioni (1999), Vesentini (2003), Santos (1985 e 2003), Paraná (2008) ter uma base teórica para posteriormente apresentarmos uma proposta de atividade para ser trabalhada com alunos do 7º ano do Ensino Fundamental.

Na sequência apresentamos uma proposta sobre regionalização do Brasil baseada no autor Castrogiovanni (2007), onde através de uma dinâmica os alunos possam entender o conceito de região e discutir a divisão regional do Brasil. Para o autor, no ensino fundamental é possível trabalhar com aulas práticas, aproximando os alunos da realidade.

2 O CONCEITO DE REGIÃO

O pensar geográfico contribuiu para a contextualização dos próprios alunos como cidadãos do mundo, ao contextualizar espacialmente os fenômenos, ao conhecer o mundo em que vivem, desde a escala local à regional, nacional e mundial. O conhecimento geográfico é, pois, indispensável à formação de indivíduos participantes da vida social, à medida que propicia o entendimento do espaço geográfico e do papel desse espaço nas práticas sociais (CAVALCANTI, 2003, p. 11)

Antes de qualquer coisa, é importante ensinar aos alunos os conteúdos considerados relevantes para compreender a espacialidade atual, no entanto, mais que conteúdos, é necessário também, ensinar-lhes modos de pensamento e ação, ou seja, por meio de atividades proporcionadas nas aulas, por meio do trabalho com os conteúdos, os

professores devem propiciar o desenvolvimento de certas capacidades e habilidades, que segundo Cavalcanti (2003) são:

Uma atitude indagadora diante da realidade que se observa e se vive cotidianamente; uma capacidade de análise da realidade, de fatos e fenômenos em um contexto socioespacial; a consideração de que os objetos estudados tem diferentes escalas, ou seja, levar em conta suas inserções locais e globais; a consideração de que há uma multiplicidade de perspectivas e tipo de conhecimento; uma compreensão de que conhecer é construir objetivamente a realidade; uma percepção de que há cada vez mais temas polêmicos; uma compreensão de que os fenômenos, os processos e a própria geografia são históricos; uma convicção de que aprender sobre o espaço é relevante, na medida em que é uma dimensão constitutiva da realidade (CAVALCANTI, 2003, p. 34).

Para pensar sobre aspectos metodológicos do ensino de Geografia, tendo em vista o que já foi exposto, o primeiro passo é colocar o aluno como centro e sujeito do processo de ensino para, a partir daí, refletir sobre o papel do professor e da Geografia, que são elementos igualmente fundamentais no contexto didático (CAVALCANTI, 2003).

Nesse ponto cabe reafirmar a importância da geografia escolar para a formação dos alunos. Na relação cognitiva de crianças, jovens e adultos com o mundo, o raciocínio espacial é necessário, pois as práticas sociais cotidianas tem uma dimensão espacial; os alunos que estudam geografia já possuem conhecimentos geográficos oriundos de sua relação direta e cotidiana com o espaço vivido (CAVALCANTI, 2003).

O termo região é bastante utilizado na análise geográfica e na prática cotidiana, além de ser, convencionalmente, conteúdo de ensino em quase todo o 7º Ano (o conteúdo programático desse ano geralmente diz respeito ao estudo regional do Brasil). Por essas razões, a ideia inicial foi a de que as crianças já tivessem formado uma representação de tal conceito (CAVALCANTI, 2003, P. 51).

Segundo Gomes (1995), o termo região deriva do latim *régio*, que se refere à unidade político-territorial em que se dividia o Império Romano. Sua origem está no verbo *regere*, governar, o que atribuía à região, uma conotação extremamente política, associada ao interesse do Estado Romano.

O conceito de região vem desde a Antiguidade sendo utilizado com o Império Romano, mas foi na escola Francesa, no século XX que se diferenciou da ideia de região natural, sendo que a região geográfica iria de certa forma explicar como se dava a organização política e territorial do mundo denominando poder sobre o território.

A formulação científica do conceito de região ocorreu somente no século XIX, quando a ciência geográfica foi institucionalizada, sendo o conceito de região elaborado pelas primeiras correntes geográficas (o determinismo e o possibilismo), que ficou conhecido como a linha tradicional da geografia. Destacavam-se nesse período dois

conceitos de região: a região natural e a região geográfica. Na corrente determinista, destaca-se o conceito de região natural:

A região natural é entendida como uma parte da superfície da Terra (...) caracterizada pela uniformidade resultante da combinação ou integração em área dos elementos da natureza: o clima, a vegetação, o relevo, a geologia e outros elementos que diferenciam ainda mais cada uma destas partes. Uma região natural é um ecossistema onde seus elementos acham-se interligados e são interagentes. (CORRÊA, 1986, p. 23-24).

No Possibilismo considerada de modo diferente, a questão da região não é concebida como região natural, mas é sua influência sobre o homem que domina o temário dos geógrafos possibilistas. A região concebida como sendo por excelência a região geográfica, uma região humana vista na forma da Geografia regional.

A região geográfica abrange uma paisagem e sua extensão territorial, onde se entrelaçam de modo harmonioso, componentes humanos e natureza (...) assim concebida e considerada uma entidade concreta, palpável, um dado com vida, impondo, portanto uma evolução e um estágio de equilíbrio. (CORRÊA, 1986, p. 28-29).

A região definida por Vidal de La Blache e seus discípulos tem seus limites determinados por diversos componentes: uma fronteira pode ser o clima, outra o solo, outra ainda a vegetação. La Blache pensou as divisões regionais na França como se tivessem "individualidade" e "personalidades" próprias. Este modelo foi seguido por vários geógrafos seguidores das teorias de La Blache.

Lacoste (1929) faz uma crítica a Geografia Regional que Vidal de La Blache defendia. Ele coloca a divisão regional de La Blache como um modo de ver as coisas, fruto do talento daquele que pintava esse "quadro geográfico da França". Pois para La Blache as regiões eram divididas de acordo com os aspectos físicos naturais. Mas para Lacoste (1929) não era mais suficiente estudar separadamente o relevo, o clima, a vegetação e a população para entender o espaço, pois considerava importante o estudo das diferentes "regiões" e como elas se correlacionam. Para este autor, cada uma das regiões é como um conjunto contendo outras regiões.

região é uma forma espacial de organização política (etmologicamente região vem de *regere* isso é dominar, reger), os geógrafos acreditam na ideia de que região é um dado quase eterno, produto da geologia e da história. Os geógrafos, de algum modo, acabam por naturalizar a ideia de região: não falam eles das regiões calcáreas, de regiões gramíticas, de regiões frias, de regiões florestais? Eles utilizam a noção de região, que é fundamentalmente política, para designar todas as espécies de conjuntos espaciais, quer sejam topográficos, geológicos, climáticos, botânicos, demográficos, econômicos ou culturais. (LACOSTE, 1929, p.63).

A concepção de autonomia regional chegou ao fim após a Segunda Guerra Mundial, pois não dava conta de explicar a nova Ordem Mundial. No Brasil, o conceito de região passou por vários estágios e uma longa trajetória, estando relacionado ao poder, intervenção de capital e organização. Em 1980, este conceito passou a ser ensinado nas salas de aulas; agora, a região era vista de forma descritiva e compartimentada, estudadas uma a uma separadamente sem inter-relações.

Na Nova Geografia, a região é discutida em um novo contexto, diferente do Determinismo Ambiental e do Possibilismo, é fundamentada como um conjunto de lugares onde as diferenças internas entre esses lugares são menores que as existentes entre eles e qualquer elemento de outro conjunto de lugares (CORRÊA, 1986, p. 32).

Segundo Corrêa (2003) na Nova Geografia a região foi dividida em estudos de tipologia e divisão regional. No primeiro caso o processo de divisão regional pode se definir uma tipologia, tal como fizeram Hubertson e Koppen ou se chegar a uma segmentação da superfície da terra em regiões. No segundo caso a região torna-se uma classe de área constituída por diversos indivíduos similares entre si.

Segundo Cavalcanti (2003), nesta concepção a região é um instrumento de divisão do espaço seguindo determinados critérios pré-definidos, a cada critério se constituía uma divisão do espaço. Não se postulando, assim, a existência concreta e objetiva de regiões na superfície terrestre.

Os geógrafos críticos concordam que nesse período o conceito de região não era definido, nem discutido com critérios científicos, mas sim de acordo com critérios que interessavam aos planejamentos estatais e à intervenção do capital sobre determinada área.

Nas últimas décadas, o conceito de região, da “Geografia Tradicional” e da “Nova Geografia”, tem sido questionado e, em consequência, são propostos novos entendimentos.

Os seguidores da Geografia Crítica declaram que a Geografia Tradicional possuía um “conceito obstáculo”, pois impedia a compreensão das relações sócio-espaciais e assumia o papel de sujeito, tornando-se região-personagem histórica que naturalizava as diferenças econômicas, sociais e culturais.

Os geógrafos críticos afirmavam que nos países capitalistas, havia uma tendência à homogeneização econômica que anularia as diferenças regionais. Essa homogeneização nunca se completaria no mundo todo, pois o modo de produção capitalista se desenvolve de maneira desigual e combinada e da origem as diferentes regiões econômicas do planeta, nas mais diversas escalas (PARANÁ, 2008).

Para Cavalcanti (2003, p.103), "a região é considerada uma entidade concreta, resultado de múltiplas determinações, ou seja, da efetivação dos mecanismos de regionalização sobre um quadro territorial já previamente ocupado”.

Segundo Milton Santos, (1978) se analisarmos o conceito de região diante da globalização da sociedade, podemos perceber que as regiões são subdivisões do espaço: do espaço total, do espaço nacional e mesmo do espaço local, sendo assim um produto social. Afirma também que no mundo globalizado onde as trocas são intensas e constantes, a forma e o conteúdo das regiões mudam rapidamente.

Compreende-se o conceito de região na atualidade, como uma área formada por articulações particulares no quadro de uma sociedade globalizada. Essa região é definida a partir de recortes múltiplos, destacando-se, nesses recortes, elementos fundamentais, como a relação de pertencimento entre identidade entre homens e seu território, as políticas praticadas nas regiões, a questão do controle e gestão de um território (GOMES, 1995).

Segundo Corrêa (2003), a superfície terrestre é constituída por diversas áreas as quais são diferentes entre si. Esse conceito se torna bastante complexo visto que as diferenças existentes entre essas regiões são bem expressivas.

Na Geografia Crítica começa a se repensar o conceito de região, vários autores vão discutir o termo região, referente aos antigos conceitos que eram empregados na Geografia Tradicional e na Nova Geografia. Determina-se então a região como uma estrutura já formada onde já ocorreu o processo de regionalização e territorialização, contendo nesse espaço uma cultura natural ou material definida.

Com a industrialização e a expansão das redes de transportes no século XX aliado às trocas de mercadorias entre diversas regiões, as áreas ocupadas passaram a ser um espaço integrado, tornando suas economias regionais voltadas para o mercado externo.

Em 1967, foi elaborada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a divisão regional do Brasil em cinco macrorregiões (sendo a mais conhecida das divisões regionais do Brasil): Região Norte, Região Nordeste, Região Sudeste, Região Sul e Região Centro-Oeste. Baseada em critérios político-administrativos, os limites de cada região, coincidem com as fronteiras estaduais. Essa divisão em macrorregiões é bastante utilizada, devido os dados estatísticos do IBGE serem organizados levando em conta esta divisão.

Segundo Bellucci (2010), a proposta de divisão regional do território brasileiro, baseada em critérios relacionados à formação histórica e econômica, dividindo o país em três grandes regiões geoeconômicas ou complexos regionais, proposta pelo geógrafo Pedro Pinchas Geiger na década de 1960, constitui-se da seguinte forma; o Nordeste, a Amazônia e o Centro-Sul. Nesta divisão ao contrário da proposta oficial do IBGE, os limites entre as regiões não coincidem com os limites dos estados. Pois os aspectos econômicos e os naturais, nem sempre coincidem com os limites políticos administrativos.

3 REGIÃO E ENSINO DE GEOGRAFIA

Ao trabalhar com os alunos em sala de aula é importante conceituar região e regionalização explicando aos alunos os objetivos da divisão regional do IBGE, que tem caráter importante na organização dos dados estatísticos que servem de parâmetros para a política administrativa do Brasil.

De acordo com Castrogiovanni (2007, p.25), "o processo de regionalizar está ligado a ideia de agrupar em um espaço; pessoas, vegetais, animais, paisagens, habitações e outras variáveis em um determinado subespaço". O aluno tem o primeiro contato com o termo no Ensino Fundamental, porém necessitando de discussão, aprofundamento e "encanto" pedagógico. Para chamar a atenção e despertar o interesse pelo estudo das regiões, o professor necessita apresentar de forma inovadora o conteúdo para não tornar a aula cansativa e entediante. Pois este conceito fará parte da vivência do aluno, porque esta palavra "região" é bastante utilizada no cotidiano das pessoas, por exemplo; é comum as pessoas fazerem referência da região onde nasceram ou onde foram criadas. Mas para o aprendizado da palavra região e seus significados, é necessário fazer alguns questionamentos; como podemos definir uma região? Qual a importância e o significado da região nos estudos geográficos?

São vários os aspectos combinados que criam as diversas porções de espaços, dando origem a diferentes regiões com características diferentes de áreas vizinhas, apresentando sua identidade natural, econômica e cultural. Não são somente as características físicas naturais que identificam uma região.

De acordo com Bellucci (2010), as regiões além dos aspectos naturais e econômicos, se distinguem umas das outras por apresentarem uma identidade cultural própria, expressa em modos de vida, nos costumes e tradições e no próprio jeito de viver e nas relações que se estabelecem, as relações da sociedade com o meio natural. No Brasil são diversas as identidades culturais existentes, no Sul o modo de vida no pampa gaúcho, existência do tradicionalismo por parte dos moradores da região, que mantém o apego às tradições e costumes dos criadores de gado que chegaram à região em séculos passados.

Segundo Bellucci (2010, p. 121) "a identidade cultural, ao mesmo tempo em que serve para caracterizar uma determinada região, também lhe confere uma autenticidade, tornando-a bem mais distinta das demais regiões". Essa identidade cultural está expressa nos trajes típicos, no hábito de tomar chimarrão e até mesmo no jeito de falar. Mas outra região do Brasil de destaque é o Vale do Jequitinhonha, com identidade cultural bastante peculiar, a população que vive nessa região em especial os moradores da zona rural

resistem às secas e estiagem prolongadas, sobrevivendo em condições precárias, mantêm o apego à religiosidade expressa através de festas populares.

Um questionamento que o professor deverá indagar com seus alunos: Qual é o tamanho de uma região? É possível delimitar o espaço em regiões? São questões inquietantes, e cabe ao professor provocar a reflexão de seus alunos para obterem as respostas.

Segundo Castrogiovanni (2007), o conceito de região já nasce atrelado à ideia de “regionalizar” para exercer o poder político-administrativo sobre uma área e um povo. A construção pedagógica se articula com o ensino da Geografia, que considera o lugar como espaço de vivência, e através dos procedimentos operacionais concretos, palpáveis é possível, promovermos o salto qualitativo necessário à construção do saber de forma mais complexa. Este autor apresenta uma proposta para construir as noções que envolvem o conceito de região e assim discutirmos a divisão regional do Brasil, trabalhando com o tema com os alunos de forma lúdica, inquietante, que desperte a curiosidade, envolvendo e transformando seu estado intelectual.

A estrutura lógica que leva a compreensão do que seja região envolve a noção de agrupamento, agrupar semelhanças num dado território. Entendemos que o conceito de região está relacionado à noção de homogeneidade e heterogeneidade espacial. A aprendizagem no Ensino Fundamental é favorecida pela prática. Proporcionando a atividade prática com objetivo de levar o aluno ao entendimento que para se determinar uma região não bastam somente características físicas do local, mas também muitos outros fatores que podem influenciar e determinar a regionalização de um determinado lugar (CASTROGIOVANNI, 2007).

Sugerimos então no sétimo ano do Ensino Fundamental, o desenvolvimento de atividades práticas do decorrer do ano letivo, para propiciar aos alunos o entendimento do conceito de região e regionalização; instigar os alunos a estudar as regiões brasileiras iniciando pela regionalização da própria sala de aula.

3.1 Construindo o conceito de região com alunos do ensino fundamental

Apresentamos uma proposta de regionalização para ser realizada com os alunos do sétimo ano do Ensino Fundamental a partir de uma dinâmica embasada nas orientações de Castrogiovanni (2007), com o intuito de construir as noções que envolvem os conceitos de região e regionalização, considerando a Divisão Regional do Brasil. De acordo com Cavalcante (2003), para trabalhar a construção dos conceitos geográficos no ensino, existe a necessidade de confrontar os tipos de conhecimentos do aluno, o cotidiano e o científico.

Considerando o processo de construção da teoria construtivista proposta por Vygostsky, o conhecimento do aluno é possível através da mediação do professor, em dirigir, orientar e planejar o direcionamento para a realização das aulas e das atividades práticas propostas.

Cavalcanti (2003) destaca que o professor não deverá simplesmente transmitir o conhecimento para o aluno, e sim propiciar ao educando ser o sujeito ativo do processo, fazer a relação ativa com os objetivos do conhecimento através de sua atividade física e mental. Ambos deverão atuar em conjunto diante do processo de ensino/aprendizagem.

O saber escolar como menciona Cavalcanti (2003, p.138) "são resultado da cultura elaborada cientificamente pela humanidade e considerados relevantes na formação dos alunos". Mas não se trata de conhecimento pronto e acabado, sempre haverá questionamentos a serem feitos, numa relação de intervenção com o sujeito do conhecimento, despertando o entendimento do próprio sujeito.

Segundo Cavalcanti (2003, p.139) "o ensino/aprendizagem há uma relação de interação entre o sujeito (aluno em atividade) e objetos do conhecimento (saber elaborado) sob a direção do professor, que conduz a atividade do sujeito ante o objeto, para que possa construir seu conhecimento". O professor será um agente nesta fase de construção do conhecimento. No ensino de Geografia os conceitos deverão estar inter-relacionados cabendo ao professor fazer a interação com os alunos favorecendo a dinâmica do processo.

Para o aprendizado de Geografia é necessária a observação da paisagem, como dimensão da realidade e num segundo momento perceber o objeto problematizado.

Segundo Cavalcanti (2003, p. 146) "através de uma observação direta do lugar de vivência do aluno ou de uma observação indireta de uma paisagem representada, pode fornecer elementos importantes para a construção do conhecimento referente a espacialidade nela materializada".

Outros conceitos que o professor deverá explorar são os de território, região, natureza, sociedade e lugar para que o educando possa fazer a relação com o espaço vivido, propiciando o entendimento destes conceitos e reflexão sobre sua posição social e seus questionamentos a cerca da sociedade a qual está inserido.

Cavalcanti (2003, p. 149) relata "a construção dos conceitos de natureza e de sociedade, por exemplo, deve ter como referência inicial a prática vivida pelo aluno e os significados por ele atribuídos cotidianamente aos conceitos".

O conceito de região está atrelado à ideia de poder, dominação, porém no ensino desse conceito o professor trabalhará com outros conceitos geográficos como o de território e de lugar, ao desenvolver uma dinâmica em sala de aula iniciará pelo território, explorando e exemplificando o lugar partindo do local para o global, sendo este território dividido em

regiões, exemplificando a divisão regional do Brasil constituída oficialmente pelo IBGE, a divisão geoeconômica (complexos regionais), trabalhando juntamente com este conceito a regionalização do espaço em diferentes escalas de análise (local, regional, nacional e global) utilizando os produtos cartográficos.

O conteúdo geográfico faz parte do cotidiano do aluno, caberá ao professor estabelecer com seus alunos a relação entre o conhecimento geográfico do dia a dia com o conhecimento científico para construção do conhecimento escolar. O trabalho com a geografia escolar em uma perspectiva crítica perpassa pelo trabalho da construção com os alunos dos conceitos básico da geografia que permeiam os demais.

Baseado em Castogiovanni (2007) apresentamos a seguir um exemplo da construção do conceito de região em uma atividade de ensino com alunos do ensino fundamental. Para este autor (2007, p.27) dentro do território existem as regiões, ou seja, uma unidade espacial com particularidades individuais respeitando os limites determinados: regionalizar é "agrupar semelhanças num dado território" considerando homogeneidade interna e heterogeneidade externa" (CASTROGIOVANNI, 2007).

Desenvolvimento da atividade com os alunos:

1 – Resgate do conhecimento prévio: O professor deve partir do conhecimento prévio do aluno, isto é do conhecimento que ele já tem construído sobre o conceito de região. Para isso sugere-se uma conversa com os alunos questionando os conceitos de região e regionalização que devem ser registrados no quadro.

2- Associar o conceito de território ao espaço da sala de aula e impondo uma regionalização deste território em duas regiões: a região dos torcedores do Atlético Paranaense e a região dos torcedores do Coritiba.

3- Dividir espacialmente o território a sala de aula nas duas regiões impostas utilizando fio de barbante.

4- Distribuir os alunos nas duas regiões: Cada aluno deve deslocar-se para o seu território, compondo a região dos torcedores do Atlético e a região dos torcedores do Coritiba.

5- Fazer outras regionalizações dentro destas, com novas redistribuições, como por exemplo; se os torcedores são do sexo feminino ou masculino, pessoas com mais e menos de trinta anos, cor de cabelos claros ou escuros.

6- Realizar reflexão e questionamentos com os alunos sobre a dinâmica desenvolvida em relação ao o tamanho que apresentavam os novos territórios: deveriam ser iguais ou não? Por que somente duas regiões? E os torcedores dos outros times? A região é homogênea em todos os aspectos? Por que regionalizamos a sala de aula? Será que esses motivos podem ser os mesmos para regionalizar um espaço como o Brasil? Se para

regionalizarmos um espaço como a sala ocorreu um movimento repleto de tensões, existindo descontentamentos, para regionalizarmos um país como o Brasil é diferente ou não? Por quê?

Esta dinâmica que propicia o conhecimento sobre os conceitos de "região" e "regionalização" com exemplos concretos para os alunos sobre o quanto é difícil regionalizarmos e quanto os interesses de certos grupos que detêm o poder se fazem presentes numa ordenação espacial. O espaço é poder e há uma busca constante pelo poder espacial.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho apresentamos uma revisão aos conceitos de região trazendo a crítica de Yves Lacoste sobre a teorização do conceito de divisões regionais de Vidal de La Blache, que na França dividiu em várias regiões levando em consideração os aspectos naturais. Para Lacoste não são somente os aspectos naturais que identificam uma região, mas devemos levar em consideração os aspectos econômicos, culturais e históricos.

Realizamos questionamentos sobre os conceitos de região e regionalização, com o objetivo de provocar reflexões sobre os mesmos.

Propomos uma dinâmica em sala de aula, para ser desenvolvida com os alunos do Ensino Fundamental, visando possibilitar a compreensão da teoria através da prática.

É através da práxis que o aluno, poderá fazer as inter-relações dos conceitos e teorias com o espaço vivido, cabendo ao professor ser o agente mediador desta aprendizagem, apresentando novas metodologias de ensino, estimulando o interesse pelos conteúdos da disciplina de Geografia.

Os conteúdos de Geografia possibilitam ao aluno pensar o mundo que está a sua volta e interpretar as relações dos diferentes espaços, nas diferentes escalas geográficas. Na atualidade existem muitas possibilidades para trabalhar os temas escolares, utilizando diversos recursos para despertar, instigar o interesse do aluno que contribuirá com a formação de sua autonomia e se posicionar em relação aos problemas sociais da sociedade em que vive.

A proposta apresentada tem baixo custo financeiro, pois o material utilizado foi somente um rolo de barbante; é de fácil compreensão e proporciona o entendimento do aluno, instigando a sua curiosidade para que ele possa contribuir com o processo de ensino-aprendizagem, fazendo da sala de aula um espaço de trocas de conhecimento, diálogo e contato com realidades diferentes.

A escola deve possibilitar situações para que o educando desenvolva a sua autonomia, adquirindo criticidade para se posicionar diante dos desafios. Essa interação nas aulas possibilita aos alunos desenvolverem seu pensamento crítico e reflexivo.

Somente através de uma educação crítica, que problematize a própria realidade, será possível vencer as dificuldades existentes na compreensão do ensino de Geografia e o ensino e aprendizagem de Geografia deverão ocorrer de forma prazerosa para alunos e professores, para que ambos futuramente possam exercer a cidadania.

REFERÊNCIAS

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. **Ensino da Geografia: Caminhos e Encantos**. Porto Alegre: EDIPUCRS. 2007.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, Escola e Construção de Conhecimentos**. São Paulo: Papirus Editora. 5ª edição 2003.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. São Paulo: Ática, 2003.

Secretaria de Educação do Governo do Paraná. **Diretrizes curriculares de geografia para os anos finais do ensino fundamental e para o ensino médio**. Secretaria de Estado da Educação, Superintendência da Educação. Curitiba, 2008.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **O conceito de região e sua discussão**. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C. & CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Geografia: conceitos e teorias**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 49 - 76.

LACOSTE, Yves: **A Geografia - Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**; Tradução; Maria Cecília França, Campinas: Papirus, 1988.

SANTOS, Milton. **O trabalho do geógrafo no Terceiro Mundo**. São Paulo: Hucitec (1978).

_____. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora (1979).

_____. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel (1985).

_____. **Região: globalização e identidade**. In: LIMA, L. C. (Org.). **Conhecimento e reconhecimento: uma homenagem ao geógrafo cidadão do mundo**. Fortaleza: Eduece/LCR, (2003).

VESENTINI, José William: **Geografia**, São Paulo, Ática, 2003.